

# O cérebro produz a mente? Um levantamento da opinião de psiquiatras

ALEXANDER MOREIRA-ALMEIDA<sup>1</sup>, SAULO DE FREITAS ARAUJO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Clínica Médica, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil.

<sup>2</sup>Departamento de Psicologia, UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil.

Recebido: 24/2/2015 – Aceito: 22/4/2015

DOI: 10.1590/0101-60830000000051

## Resumo

**Contexto:** As visões dos psiquiatras sobre a relação mente-cérebro (RMC) têm marcantes implicações para a clínica e a pesquisa, mas há carência de estudos sobre esse tema. **Objetivos:** Avaliar as opiniões dos psiquiatras sobre a RMC e se elas são suscetíveis ou não a mudanças. **Métodos:** Realizamos um levantamento sobre as visões que os psiquiatras possuem sobre a RMC imediatamente antes e após um debate sobre a RMC no Congresso Brasileiro de Psiquiatria de 2014. **Resultados:** Inicialmente, entre mais de 600 participantes, 53% endossaram a visão de que “a mente (o ‘Eu’) é um produto da atividade cerebral”, enquanto 47% discordaram. Além disso, 72% contestaram a visão de que “o universo é composto apenas de matéria”. Após o debate, 30% mudaram de uma visão materialista da mente para uma perspectiva não materialista, enquanto 17% mudaram na direção oposta. **Conclusão:** Os psiquiatras se interessam por debates sobre a RMC, não possuem uma visão monolítica sobre o tema e suas opiniões estão abertas a reflexões e mudanças, sugerindo a necessidade de mais estudos em profundidade e de debates rigorosos, mas não dogmáticos sobre o tema.

Moreira-Almeida A, Araujo SF / Arch Clin Psychiatry. 2015;42(3):69-70

**Palavras-chave:** Relação mente-cérebro, psiquiatria, opinião, levantamento, psiquiatras.

## Introdução

A relação mente-corpo ou mente-cérebro (RMC) é uma das mais antigas e desafiadoras questões filosóficas e científicas, possuindo marcantes implicações para a psiquiatria<sup>1-4</sup>. Contudo, esse tema é pouco discutido na literatura e na formação em psiquiatria<sup>3</sup>. A despeito de toda a diversidade histórica de tentativas de solução para esse problema, muitos debates contemporâneos tendem a girar em torno de duas posições contrárias, que podem ser brevemente resumidas da seguinte maneira. De um lado, dizem os materialistas, a mente é um processo material ou físico, um produto do funcionamento cerebral. De outro lado, de acordo com as visões não materialistas, a mente é algo diferente do cérebro, podendo existir além dele<sup>1</sup>. Ambas as posições estão enraizadas em uma longa tradição filosófica, que remonta pelo menos à Grécia Antiga. Assim, enquanto Demócrito defendia a ideia de que tudo é composto de átomos e todo pensamento é causado por seus movimentos físicos<sup>5</sup>, Platão insistia que o intelecto humano é imaterial e que a alma sobrevive à morte do corpo<sup>6</sup>.

Esse antagonismo entre fisicalismo e antifisicalismo tem assumido diferentes formas ao longo dos séculos, sendo uma característica constante do pensamento ocidental, e se mantém vivo nos debates contemporâneos<sup>7,8</sup>. Na realidade, cientistas e filósofos estão longe de resolver o problema mente-cérebro<sup>1,8-12</sup>. Contudo, a despeito da falta de consenso entre os especialistas e a persistência do problema, tanto publicações acadêmicas como leigas frequentemente apresentam a visão materialista da mente como um fato científico estabelecido que deveria ser aceito por toda pessoa com boa formação, incluindo psiquiatras e cientistas em geral<sup>4,8</sup>.

Essa atitude se choca com a visão tradicional de ciência como promotora de debates equilibrados e da investigação racional livre, contradizendo, assim, o próprio espírito científico que alguns alegam estar defendendo. Além disso, esse fato tem implicações para a formação tanto em clínica quanto em pesquisa em psiquiatria, posto que o trabalho dos psiquiatras depende de certas suposições sobre a RMC que eles podem tomar como certas, sem que haja uma reflexão adequada. Suposições sobre a RMC influenciam visões e atitudes que se tem sobre a natureza humana em geral (por exemplo: pode-se assumir que somos robôs biológicos determinados por nossos

neurônios e nossos genes, que a mente é o aspecto fundamental do ser humano e que de algum modo influencia o cérebro e os genes etc.), o livre-arbítrio (por exemplo: pode-se acreditar que os pacientes têm controle sobre seus pensamentos, sentimentos, sintomas e comportamentos), a etiologia dos transtornos mentais (orgânica/biológica e/ou funcional/psicossocial) e opções de tratamento (ênfase em intervenções biológicas e/ou psicossociais)<sup>2-4</sup>.

Entretanto, tem havido poucos estudos investigando o posicionamento de cientistas e clínicos em relação à RMC, bem como sobre sua abertura à reflexão e à mudança. Enquanto são escassas as pesquisas de levantamento com estudantes universitários e profissionais de saúde<sup>13,14</sup>, até onde sabemos não há nenhuma com psiquiatras. O objetivo deste estudo é avaliar as opiniões dos psiquiatras sobre a RMC e se elas são suscetíveis ou não a mudanças.

## Métodos

Realizamos um levantamento relativamente às opiniões, sobre a RMC, dos participantes (majoritariamente psiquiatras) do Congresso Brasileiro de Psiquiatria de 2014, que ocorreu em Brasília, DF, Brasil. Como parte do programa oficial, houve um debate intitulado “Qual é a relação entre a mente e o cérebro? O cérebro produz a mente ou é um instrumento para a manifestação da mente?”. Dois conferencistas (psiquiatras), cada um defendendo uma posição geral sobre a RMC (materialista ou não materialista), foram mediados por um coordenador (psiquiatra) do debate, que durou 2 horas, incluindo um tempo para perguntas da audiência. O debate gerou bastante procura (o auditório de 600 assentos estava lotado) e os participantes responderam às mesmas questões sobre a RMC e a natureza última do universo (Tabela 1) imediatamente antes e após o debate, usando dispositivos sem fio em um sistema de votação interativa.

## Resultados

A audiência estava dividida antes do debate, com aproximadamente metade concordando com cada posição sobre a RMC e dois terços endossando uma visão não materialista do universo (Tabela 1). Houve também coerência entre as respostas a ambas as questões: somente

6% aceitaram simultaneamente que a mente não é um produto da atividade cerebral e a visão incompatível de que todo o universo é composto apenas de matéria. Além disso, visões materialistas sobre a RMC não implicam necessariamente uma visão materialista do universo, posto que 55% dos acreditam que a mente é um produto do cérebro rejeitaram uma descrição puramente física do universo. Finalmente, quase metade dos psiquiatras brasileiros concordou com a visão de que a mente não é um produto da atividade cerebral.

**Tabela 1.** Respostas às duas questões logo antes e após o debate sobre RMC

	Você acha que a mente (o seu "eu") é um produto da atividade cerebral?		Você acha que o Universo (tudo o que existe) é composto apenas de matéria (partículas e forças físicas)?	
	Antes % (n)	Após % (n)	Antes % (n)	Após % (n)
Sim	53 (331)	40 (103)	28 (181)	17 (41)
Não	47 (298)	60 (155)	72 (474)	83 (195)
Total (n)	629	258	655	236

Dos congressistas que responderam às questões antes e depois do debate, 30% mudaram suas posições de uma perspectiva materialista para uma não materialista da mente e 17% mudaram na direção oposta; 30% mudaram de uma visão materialista do universo para uma visão não materialista e 2% mudaram na direção oposta.

## Discussão

A divisão das posições de psiquiatras brasileiros sobre a RMC em dois blocos de aproximadamente 50% parece refletir as controvérsias acadêmicas em relação ao problema mente-cérebro. Nossos achados estão a meio caminho entre estudantes universitários escoceses (67% afirmaram que mente e cérebro são coisas separadas) e profissionais de saúde belgas (40%)<sup>13</sup>.

Os congressistas estavam não apenas interessados na discussão, mas também suscetíveis à reflexão e à mudança de opinião com base nos argumentos apresentados durante o debate. Estudos com universitários nos Estados Unidos encontraram que a apresentação de explicações fortemente mecanicistas da mente aumenta a aceitação, por eles, de visões materialistas da RMC<sup>14,15</sup>. Por outro lado, mostrar os limites e a lacuna explicativa (*explanatory gap*) em neurociência aumenta a aceitação dos estudantes de visões não materialistas da mente<sup>15</sup>. Vários participantes vieram nos procurar após o debate e admitiram que nunca tinham pensado com profundidade sobre a RMC ou mesmo ouvido muitos dos argumentos apresentados durante o debate. Alguns nos disseram que o debate lhes causou profunda impressão.

Uma limitação do nosso estudo é que nem todos os participantes eram psiquiatras, alguns provavelmente eram estudantes de Medicina ou outros profissionais de saúde mental. Contudo, posto que em torno de 85% dos participantes do congresso eram médicos, especialmente psiquiatras, é muito provável que a maioria da nossa amostra seja composta de psiquiatras. Houve também uma considerável perda de participantes próximo ao fim do debate. Como o debate durou 2 horas e a última parte foi dedicada a questões feitas pelo público, várias pessoas deixaram o auditório durante os últimos 30 minutos. Contudo, para minimizar vieses, apenas analisamos dados de mudança de opinião dos participantes que responderam às mesmas questões antes e após o debate. Finalmente, apesar do tamanho considerável da amostra, não está claro o quanto ela representa as posições dos psiquiatras brasileiros como um todo.

Vários aspectos deste estudo merecem destaque. Até onde sabemos, é o primeiro levantamento já feito sobre as visões de psiquiatras em relação à RMC, além de contar com uma ampla amostra coletada no terceiro maior congresso de psiquiatria do mundo. Graças à tecnologia do sistema de votação interativo sem fio, foi possível não apenas identificar as posições dos psiquiatras sobre a RMC, mas também realizar um experimento natural sobre o impacto de expor um amplo e qualificado grupo de psiquiatras à apresentação e discussão das duas principais visões em relação à RMC, algo nunca feito anteriormente.

O presente estudo mostrou que cerca da metade dos psiquiatras aceitava uma visão materialista da mente e quase a metade deles tinha uma visão não materialista. Setenta e dois por cento endossaram uma visão não materialista do universo. Nossos dados indicam que os psiquiatras estão interessados em discussões sobre a RMC, a despeito da baixa frequência de tais debates na literatura e na formação em psiquiatria. Ficou claro que os psiquiatras não apresentam uma visão monolítica sobre a RMC e que discussões podem fomentar o pensamento crítico sobre o tema, levando à consolidação ou à mudança de opinião. Contudo, para fomentar o pensamento crítico, é necessário mais do que apresentações simplistas e caricatas da RMC, como se esta fosse um problema já resolvido, abrindo o debate, assim, para diferentes visões e para os desafios que eles colocam à nossa compreensão científica da natureza humana.

## Referências

- Chalmers DJ. Consciousness and its place in nature. In: Stich S, Warfield F, editors. Blackwell guide to philosophy of mind. Oxford: Blackwell; 2003.
- Cloninger CR. The importance of ternary awareness for overcoming the inadequacies of contemporary psychiatry. Rev Psiquiátr. 2013;40(3):110-3. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832013000300006>>.
- Kendler KS. A psychiatric dialogue on the mind-body problem. Am J Psychiatry. 2001;158(7):989-1000.
- Miresco MJ, Kirmayer LJ. The persistence of mind-brain dualism in psychiatric reasoning about clinical scenarios. Am J Psychiatry. 2006;163(5):913-8.
- Berryman S. Democritus. In: Zalta E, editor. The Stanford Encyclopedia of Philosophy 2010. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2010/entries/democritus/>>.
- Plato. Phaedo. In: Hamilton E, Cairns H, editors. The collected dialogues of Plato. Princeton: Princeton University Press; 2005.
- Crane T, Patterson S. Introduction. In: Crane T, Patterson S, editors. History of the mind-brain problem. London: Routledge; 2000. p. 1-12.
- Araujo SF. O eterno retorno do materialismo: padrões recorrentes de explicações materialistas dos fenômenos mentais. Rev Psiquiátr. 2013;40(3):114-9. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832013000300007>>.
- Moreira-Almeida A, Santos FS. Exploring frontiers of the mind-brain relationship. New York: Springer; 2012.
- Nagel T. Mind and cosmos: why the materialist neo-Darwinian conception of nature is almost certainly false. Oxford/New York: Oxford University Press; 2012.
- Uttal W. Mind and brain: a critical appraisal of cognitive neuroscience. Cambridge, MA: The MIT Press; 2011.
- Araujo SF. Searle's new mystery, or, how not to solve the problem of consciousness. Rivista Internazionale di Filosofia e Psicologia. 2013;4(1):1-12.
- Demertzi A, Liew C, Ledoux D, Bruno MA, Sharpe M, Laureys S, et al. Dualism persists in the science of mind. Ann N Y Acad Sci. 2009;1157:1-9. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1749-6632.2008.04117.x>>.
- Harrington IA. Can you change a student's mind in a course about the brain? Belief change following an introductory course in biological psychology. J Undergrad Neurosci Educ. 2013;12(1):A23-33. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3852867/>>.
- Preston JL, Ritter RS, Hepler J. Neuroscience and the soul: competing explanations for the human experience. Cognition. 2013;127(1):31-7. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.cognition.2012.12.003>>.